

epistolografia hídrica preta ou o rabo da capivara
prefácio da tese de allan da rosa

marcos ferreira-santos
 jardineiro, artesão, folklorista
 professor de mitologia
 (usp, espanha e américa latina)
marcosfe@usp.br
www.marcosfe.net



aroeira aroeira
artemísia arruda alecrim erva cidreira
alfazema e manjerição
erva-doce urucum e dente de leão
aroeira e manjerona
umbaúba urtigão fedegoso e mamona
vassourinha e jequibá
girassol catuaba café e guaraná
mamãe terra, mamãe terra
mamãe me diz que as ervas são feitas pra curar

alojá yang (gira das ervas)
 (luhli/ lucina/ maria maria/ mário avella
 LP "amor de mulher", 1982)

vestido a armadura,
mesmo que enferrujada
 allan da rosa, 2021

Tendo feito aqui meu pedido de licença à ancestralidade das ervas e que tomo a liberdade de dividir com *allan da rosa* (no texto e na canção), é *malungo* (companheiro) angoleiro embora ainda jovem, que não é novato. Mestre de caminhos já duramente trilhados na literatura periférica com uma produção considerável e premiada de livros em poesia, contos, roteiros de teatro, autor de "*pedagoginga - pedagoginga, autonomia e mocambagem*" (2012), derivado de sua dissertação de mestrado; com trânsito entre universidades norteamericanas, latinoamericanas e atlânticas, interligadas pela diáspora negra; organizador das *edições toró* e com quem tive o prazer de compartilhar vários momentos de autoformação, dentro e, principalmente, fora da universidade.

pensarte 2011

pedagoginga:
arte/educação nas
beiradas de são paulo

allan da rosa

06 de junho
 segunda
 18 às 19h30

ESCRITOR,
 ANGOLEIRO,
 PEDAGOGO E
 ORGANIZADOR DAS
 EDIÇÕES TORÓ.
 HISTORIADOR E
 MESTRE EM
 EDUCAÇÃO - USP

entrada franca: avenida da universidade, 308 - FE-USP - bloco B -
 auditório helenir suano (sala 130 - lab_arte) - www.marculus.net

Em nossas conversas de “*des-orientação*”, nos bares, praças e na biblioteca Mário de Andrade - sempre detestei fazer o trabalho de diálogo com meus orientandos dentro da universidade, pois ali não existe *clima* favorável para diálogos além do peso acumulado das vozes negras excluídas em cada tijolo erguido e do silêncio tácito sobre a vida, as vozes silenciadas e corpos negligenciados quando não domesticados e cooptados.

Uma das características do *sentipensamento* de Allan é seu engajamento na necessária e urgente reforma do pensamento ocidental, num contexto de reapropriação e releitura das matrizes afrobrasileiras, afroameríndias e caribenhas na diáspora na luta cotidiana anti-colonial e nos nossos sonhos banzeiros pós-coloniais.

Esta reforma do pensamento jamais poderia se dar dentro de uma “fôrma”, de um modelo preconcebido na ciência clássica ocidental e ocidentalizante de base lógico-aristotélica e do pensamento cartesiano. Há que se inovar inclusive nas formas transgressoras e poético-criativas para que um determinado conteúdo não seja vilipendiado pelas sempre requisitadas normas burocráticas acadêmicas sem-sentido e de almas desencantadas num concerto íntimo e perverso com o capitalismo, com a ética judaico-cristã-protestante e todos os “*santos*” penduricalhos da vida universitária.

Mas, é uma tese de doutoramento? Sim...

Já são mais de 40 anos de magistério (educação infantil, básica, média, superior e de pós-graduação) em que venho insistentemente tentado criar bolhas de respiro, espaços de criação artístico-poética e de crítica radical, *tekoá* indígena e *quilombola* afrodescendente inclusive dentro da própria universidade, ao arrepio dos olhares branco-intelectuais de plantão sempre a perguntar: “*ele só ensina dançar e tocar tambor fazendo barulho e atrapalhando a aula dos demais?*”

Sim...

Trata-se de tese originalíssima, com completo aval e elogios da banca de qualificação, com fundamento na perspectiva fenomenológica e hermenêutica das *epistolografias* que se inscreve numa análise *socioantropológica* que extrapola os limites da subjetividade para impor um quadro agudo da realidade, permeado do vigor existencial ao rigor metodológico da pesquisa *in loco* e de registros histórico-documentais, sem ceder ao “*historicismo*” reinante, sem ceder às narcísicas pesquisas de bases bibliográficas ou *teses sobre teses* (endogenia acadêmica) ou ao trabalho “*jornalístico*” tão em voga nas searas educacionais.

É uma fenomenologia preta. É uma hermenêutica ancestral. Como sói acontecer nas negritudes conversas com a avó, com o tio, com o avô permeados de um café também preto fumegante no bule de ágata para celebrar o encontro no *coração-cozinha* da casa, onde só é aceito quem é de casa. Os outros ficam na sala. Ou ainda se atende apenas no portão. Só para não macular a alma da casa.

Trabalho textual de fôlego incomparável, demonstra no trabalho já realizado maturidade intelectual, autonomia investigativa, ineditismo, erudição e apuro reflexivo e cuidado minucioso e *virtuoso* com o ofício da escrita. Sugere ser futuro trabalho de referência para as investigações em nossas áreas de investigação, sobretudo, nos desdobramentos educacionais relacionados à ancestralidade, constituição da subjetividade do homem negro na cidade de São Paulo, bem como nas políticas amplas das relações étnico-raciais, numa perspectiva

interdisciplinar no âmbito de uma epistemologia afroameríndia anti-colonial no quadro dos conflitos e convergências das interpretações, diria *paul ricoeur* (1913-2005).

*eu sinto vontade de não ser sexo,
para brincar contigo como criança,
e brincar de cirandinha com tu'alma.
mas como sou sexo,
vou assistir um espetáculo humano;
a confecção de bandeiras iguais,
para seres que parecem diferentes (...)*

*trem sujo da leopoldina
correndo correndo
parece dizer
tem gente com fome
tem gente com fome
tem gente com fome
só nas estações
quando vai parando
lentamente começa a dizer
se tem gente com fome
dá de comer
se tem gente com fome
dá de comer
se tem gente com fome
dá de comer*

*mas o freio de ar
todo autoritário
manda o trem calar
psiuuuuuuuuuuuuu*

*“poemas de uma vida simples”, 1944
solano trindade (1908-1974)*



o filho de sapateiro, solano trindade

Ressalte-se ainda que allan não logrou obter bolsa no âmbito das disputas internas, precisamente, em função de seu “objeto” de pesquisa (preconceito temático, metodológico e/ou referencial explícito nos pareceres recebidos), histórica e socialmente negligenciada nos âmbitos universitários. Além de sua dedicação intensa à investigação, análise e escrita; teve que arcar também com as responsabilidades de sua sobrevivência e de seu filho, sem as *benesses* que uma bolsa poderia lhe conceder. No entanto, sabemos que estes “*marcadores sociais*” são implacáveis no interior das instituições a despeito dos discursos reinantes e eivados de “*boas intenções*” com a “*diversidade*”. Escreve allan da rosa:

a espécie humana há milênios é uma coleção de agressões sofisticadas e requintes de torturas, porém flagro especialmente a medida em que isso nos veste a pretidão. Principalmente a masculina, dada a normalidade da violência que se demarcou em nossas orelhas, calcanhares e cangotes pelos séculos de cativo e suas sequelas.

Sou obrigado, tristemente, a reconhecer que a engrenagem institucional privou de sucesso muitos e muitos de nossos alunos e alunas, tanto na graduação como na pós-graduação, persistindo aqueles que, em função de outras conjunções talvez mais favoráveis, concluíram seus cursos, sem políticas de permanência estudantil, sem bolsas, sem acompanhamento, e sem o pertencimento às classes “B” ou “A”.

O preconceito uspiano de sempre, desde sua fundação em 1934, para a formação das elites paulistas para gerir os destinos da nação. Empreitada da família *mesquita* do jornal *o estadão*, e de *seu manduca: armando salles de oliveira* – aquele mesmo petrificado numa estátua na rotatória do portão n.º 1 da cidade universitária no campus do butantã, mais parecendo um alienígena com braços abertos e cabeça descomunal - que usou a criação da usp como plataforma eleitoral:

*o homem quem será? será seu manduca? ou será seu vavá?
entre esses dois meu coração balança, porque, na hora h, quem vai ficar é seu gegê!
“a menina presidência”, velha marchinha de carnaval de 1937
de antônio nássara e cristóvão de alencar,
interpretado por sílvio caldas).*

Aqui estamos como teimosos que “*furaram*” o cerco e tentamos fazer deste espaço, como bem disse a mestra e colega, *kiusam de oliveira*, um *quilombo* dentro da usp para reformar o pensamento, a alma e o alcance social desta instituição (se ainda for possível) nutrida de outras ancestralidades.

Relembro outra aluna contente com o ingresso no curso de pedagogia da usp, me dizendo do quanto se identificava com minha própria trajetória, pois ela também havia sido a única integrante da família a chegar ao nível superior a despeito da melanina na pele. No entanto, depois de um silêncio doloroso, me confessou com os olhos mareados:

- Mas, professor, o senhor sabe que isso aqui não é para gente como a gente...

E de fato não é. Ou *ainda* não é, se não esquecemos que a utopia é como o horizonte.

Pode ser que nunca o alcancemos, mas é ele que nos impulsiona a caminhar.

Allan é meu último doutorando e minha despedida da vida acadêmica entendida como tal. Tenho outros horizontes a que me deter: minhas canções, meus bonsais, meu pomar, meus jardins, meus textos, meus passarinhos num passarineiro ao ar livre, uma *viola caipira* e um *morin khuur* mongol ao pé do fogão a lenha, contando estrelas ao me deitar olhando pelo teto de vidro que eu mesmo fiz.

A busca constante de outras formas possíveis de investigação poética¹ tem um diálogo profundo com nossa ancestralidade.

Este é o motivo da utilização “*metodológica*” da epistolografia que allan utiliza, por mim incentivado, aproveitando o pulso literário da caneta e sangue nas inscrições da vida que allan tão sabe fazer com ternura e firmeza.

Os estudos clássicos de autobiografia, biografias e a epistolografia de correspondências pessoais, romances de *autoformação*, iniciadas por *georges gusdorf* (1912-2000), filósofo, educador e ligado à *antropologia da pessoa*, de base *berdyaeviana*, e em especial, a partir de seu doutoramento em *la découverte de soi*, 1948 – orientado por *gaston bachelard* (1884-1962), escrito depois de cinco anos preso num campo de concentração nazista (1940-1945). A epistolografia séria sempre vai *pari passu* com a caneta e o sangue.

Para quem não sabe, *fenomologia da percepção* (1941), doutoramento de *maurice merleau-ponty* (1908-1961), foi escrito em homenagem ao colega, *gusdorf*, que estava preso pelos nazistas.

Em *água de homens pretos*, allan utiliza a epistolografia não no sentido clássico de debruçar-se sobre as cartas escritas por alguém, mas aqui a sua originalidade fundamental: as cartas são as criações investigativo-poéticas de seus diálogos com os homens pretos. Resultado de uma intensa pesquisa de fontes documentais (jornais, revistas, documentos, artigos, livros, entrevistas pessoais, memórias inscritas no *corpoalma*, etc), ele não nos cansa com um relatório de pesquisa, mas com a recriação fiel de um panorama, de um clímax, de uma conversa íntima ao pé da soleira, no terreiro ou no quintal, em que a vida vai se reconstruindo à nossa frente durante a leitura. E não sem a radicalidade da reflexão que ponteia aqui e acolá em nada sutis estocadas da caneta agora feito adaga, canivete, navalha na carne a evidenciar as injustiças, as desigualdades, a exploração, o preconceito, o racismo e o machismo ocidental e ocidentalizante; sem ser panfletário nem militante ingênuo. Daí, igualmente, seus diálogos com pensadores e pensadoras diaspóricos.

Aqui a importância da vivência literária de quem nunca se descolou da realidade, mas também nunca se vergou a ela; feito mais um *guerreiro da senzala*.

Esta epistolografia vai, por sua vez, de braços dados com uma *cartografia poética* dos *geo-símbolos* desta constituição dos homens pretos: os córregos, os rios, os esgotos ao céu aberto, os riachos, os rios soterrados pela pavimentação urbanocêntrica, a várzea e seus campos de futebol, a *kalunga* do mar distante que une e separa *terra brasilis* e *áfrika*, os espelhos d’água e as águas do corpo: saliva, sangue, suor na escrita da existência.

1 - **ferreira-santos, marcos & almeida, rogerio** (2020). *aproximações ao imaginário: bússola de investigação poética*. são paulo: feusp, portal livre de livros usp, selo galatea, 2ª. ed. disponível em: <http://www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosusp/catalog/view/453/406/1590-1>

- **ferreira-santos, marcos** (2005) *crepusculario: conferências sobre mitohermenêutica & educação em euskadi*. são paulo: editora zouk, 2a. ed.;

- **vale, elis regina feitosa & ferreira-santos, marcos** (2019). *capoeiranças de elis: poética matrial da ancestralidade em capoeira angola*. são paulo: feusp, selo galatea. Disponível em: <http://www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosusp/catalog/book/316>

Trata-se de uma hidrografia dos caminhos dos homens pretos nesta cidade cinza chamada de *são paulo*. Me parece que a nomeação da cidade já foi uma maldição: primeiro por ser um santo católico, segundo por ser um coletor de impostos, terceiro por ter sua conversão tardia e discutível, e quarto por ser um novo legislador enciumado de moisés do primeiro testamento e com tantas proibições à mulher, sua principal vítima. *Piratinga*, o lugar onde os peixes descansam (na confluência do tamanduateí com o rio tietê), foi o nome perdido na memória que seguiu na escorrência das águas puras para dentro do esgoto capitalista.

As cartas escritas não romantizam e nem estetizam a pobreza e as mazelas que nós, afrodescendentes, sentimos; mas, lhes dá forma nova para repensar nosso papel no e frente ao mundo, em relação aos outros e a nós mesmos. Por isso, uma outra masculinidade se desenha em sua investigação poética em que se percebe a necessidade de um maior equilíbrio entre *âni*ma e *âni*mus: entre *yin* e *yang* (zen), entre *jakaguá* e *jessuká* (guarani), entre *mawa* e *lissa* (malinense).

Esta masculinidade outra que transita neste maior equilíbrio – sempre lembrando que o equilíbrio é sempre musical, conflitual, tênue e dinâmico – o faz mensageiro feito *moezin* malinense no alto do minarete nas quebradas da periferia ou par lindo dos filhos arco-íris de *nanã* (das águas profundas) em *oshumarê* e sua irmã-gêmea, *ewá* (da neblina e dos segredos). Ou ainda um *ser-ponte*, como *pahí* guarani, ou ainda *chakana* no universo quéchuá, o ser em cruz andina a ligar as dimensões ao alto, do *aqui-agora* e dos ancestrais no subterrâneo, e de todas as direções do *tawantinsuyu* (reino incásico das quatro direções), a quem devemos os princípios de *sumak kawsay* (viver em plenitude – hoje na constituição do *ecuador*) sob as lições de *pachamama* ou de *ñandecy* (mãe ancestral guarani) nos alertando ao *ñande rekó* (o modo ancestral de ser).



Não é outro motivo de se compreender que o pesquisador-poeta contemporâneo é devedor do *adinkra* (ideograma africano) *sankofa* ancestral: *início e fim que se comunicam na atualização dinâmica da existência*.

O devir é ancestral. Assim vejo *daruê*, que vi nascer, crescer e se tornar homem preto, filho de allan da rosa – ainda que sempre me ressentisse de passar muito mais tempo próximo deles; já com a distância maior em 2015 quando me radiquei ao pé da *serra da cuesta*, região da área de proteção ambiental de botucatu, no ranchinho beirachão que construí, tijolo por tijolo, em barro, madeira e vidro, na zona rural.

Allan da rosa é malungo meu nesta insistência de criar bolhas de respiro na universidade com uma *tekoá* indígena e um *quilombo* afrodescendente, apesar dos *capitães-do-mato* que sempre nos querer interditar, invisibilizar, silenciar, excluir seja com as cobranças “*acadêmicas*”, seja na exigência de revistar os pertencer e o próprio corpo para adentrar nos “*santos*” recintos da

mesma universidade – que nunca foi criada para nós. Na carta ao seu pai, allan da rosa *inscreve*:

*não sei se dominava a folha e a gramática desse livro pesado.
Aliás, não sei se dominamos, nenhum de nós.*

Por isso, teimamos e insistimos em nos reapropriar dela aos nossos moldes, na conformidade com nossas cosmovisões, com nossas filosofias ancestrais e no espírito coletivo que nos embasa e nos une no enfrentamento-mutirão de nossos trabalhos.

No entanto, se lembramos com o mestre antropólogo queniano, *ali mazrui* (1933-2014), que a maioria das culturas africanas autóctones se negam a considerar o passado como algo que já caducou ou o presente como algo transitório, pois nossos antepassados continuam sempre conosco e nós mesmos estamos sempre chamados a nos reunir com eles. E se o presente não é transitório, por quê se empenhar em conservar suas marcas? (*tradición oral y archivos en africa*, 1985).

Aqui nos valemos da permanente exigência de reverência ancestral mesmo no mundo contemporâneo: garantir a permanência de sua palavra viva nas palavras desenhadas e impressas para aqueles que não tiveram o privilégio de escutá-las. Não é desejo de registro, mas de partilha de sua voz pela veia aberta da poesia cheia de *asè* para aqueles que, com um mínimo de sensibilidade, possam escutá-la em sua energia ao, simplesmente, lê-las.

É uma obra que, em função da profundidade e respeito evidentes nas cartas que a compõem, eu poderia chamar de *sagrada*. No entanto, não se trata aqui de percorrer os meandros da religiosidade afrodescendente em quaisquer de suas honrosas vertentes. Para isso já existem valiosos trabalhos de pesquisa da própria comunidade afrodescendente. E não uma antropologia branca de deuses negros, ou ainda como lembraria outro antropólogo branco: *a morte branca do feiticeiro negro*, no clássico dos anos 70 de *renato ortiz*. Nos alivia, na ironia, o que diz allan da rosa:

a ironia nasce na orelha de quem escuta e interpreta mais do que na boca de quem a profere.

É uma cartografia hidrográfica através da epistolografia dos homens pretos em sua cotidiana existência ao longo de um determinado período em são paulo.

Mas, mesmo aqui, allan da rosa, sabe e pede a devida licença.

Então, nos defrontamos com a significativa e derradeira carta escrita, nada menos, que a seu próprio pai. *Sankofa* que guia a caneta e o sangue....

“Mágoas de março, fechando o verão”... entre o prostíbulo e a igreja já não há diferença, mas há que se calejar para os tombos e proteger a jugular nas esquinas. Me pergunto o quê um menino pode fazer frente a um mundo que lhe assola cheio de estranhas fomes que nos conduzem ou confundem?

Quais trombas d’agua o senhor sentiu segurar por dentro?

São muitas as questões que um menino, mesmo já tendo se formado homem, e *homem-preto*, tem para o seu pai e seus avós, seus ancestrais. Por mais que, em geral, as pessoas não se perguntem sobre seus ancestrais, em nossas heranças esta é uma necessidade e uma obrigação religiosa – no seu sentido mais nobre de *re-ligação* e de *re-leitura*.

Muito longe das transcendências, das comunidades ilusórias de discursos esbranquiçados, das *salvacionices* escolares e/ou universitárias, me parece que há que se buscar no fluxo do sangue e das iniciações o impulso da caneta que não apenas “*escreve*”, mas que *inscreve* uma existência nos meandros doces e pútridos, numa jornada como *obra de vida*². No mundo e frente ao mundo, apesar do mundo. Com os outros e apesar dos outros. Consigo mesmo e apesar de si.

Confessa allan da rosa:

Imagino os momentos que foi preso em flagrante. O constrangimento maior e as derrotas ao ser arrastado. A boca do estômago explodindo, a humilhante algema e a chegada na detenção, isso a que nunca deveríamos nos acostumar.

Ainda que concorde plenamente com allan da rosa que não se trata de permear a memória com doses lacrimogêneas emolduradas ou militantes de denúncias fáceis e hoje, infelizmente, já são objeto de consumo como quaisquer outros; me lembrei, mareado de gotas de orvalho nos olhos por minhas pétalas hesitantes que se abrem insuspeitas e gratuitas no jardim que cultivo, de uma destas várias narrativas míticas que nos chegam pela tradição oral – e são precisamente estas que ficam na alma – sobre a busca de um menino que me veio pela boca de um velho mestre sufi.

No *kenia*, às margens do lago *nyanza*, um homem *kikuyu* deixa a família para seguir para a cidade grande atrás de conseguir dinheiro, mas não regressa. Depois de muito tempo, o filho mais velho resolve seguir os passos do pai e encontrá-lo a contragosto da própria mãe que receava perdê-lo também. Ela apenas disse ao filho que prestasse atenção ao caminho pois seu pai era jardineiro. E seguiu o menino por muito tempo na busca do pai por todos os lugares possíveis, até o momento em que percebeu ao largo do caminho algumas flores diferentes que brotavam à margem da estrada de terra. Resolveu seguir os caminhos daquelas flores e colhia algumas para guardar as sementes. Depois de anos de busca e caminhada, resolveu ele próprio ir plantando as sementes que havia colhido ao longo do caminho da busca.

Quando finalmente chegou a *mombasa*, na costa, encontrou um humilde jardineiro trabalhando no jardim de uma formosa casa e, curiosamente, cultivava as mesmas flores que havia visto e semeado pelo caminho. O velho jardineiro lhe respondeu que há muito tempo um velho jardineiro *kikuyu* lhe ensinou a cultivar aquelas flores e que dizia que carpia quintais e plantava só para ter dinheiro para voltar para casa, mas nunca mais viu o velho mestre. O menino, então agora, já rapaz soube, que se tratava de seu pai. Choroso perguntou ao velho jardineiro: “*E agora como volto para casa sem meu pai?*”. O velho jardineiro fez um silêncio reverencial e depois lhe respondeu: “*basta seguir o caminho que teu pai semeou e que tu seguiste semeando da mesma maneira, pois ele nunca te deixou*”. Alguns dizem que este rapaz se tornou *jomo kenyatta* (1894-1978), um dos responsáveis pela independência do kenia e seu primeiro presidente.

2 **ferreira-santos**, marcos. (2010). *matrices de la persona afro-ameríndia: escritura como obra de vida*. in: florez, c.m. (org.). *urdimbres*. cali (colombia): editorial buenaventuriana, p. 219-248. disponível em: <http://www.marcosfe.net/matrices%20de%20la%20persona%20afroamerindia.pdf>

Curiosamente, leio nos últimos parágrafos da tese de allan da rosa, esta confissão ressonante, sincrônica e impregnante na última epístola a seu pai:

neste jardim memorial que nos conduz as podas, rastro aceso ancestral que me ultrapassa e me mantém, é que te escrevo. Sinto que a ancestralidade baila e orienta também nossas contradições, vertigens e obsessões.

É sempre, em pleno banzo, uma flor-balinha menina que arremessamos à cova florida de quem nos precedeu, como escreve allan da rosa a seu pai, mesmo no desejo de purgar, de limpar nas tantas águas distintas, no esfregaço por vezes mesclado de autoridade sobre a pele preta, no exato e mesmo sentido daquele *“afago apertando leve a orelha, o beijo na testa, carinhos em resguardo que aprendi elementar no corpo contigo, corpo memorioso”*.

***A escrita é uma coisa, e o saber, outra. A escrita é a fotografia do saber, mas não o saber em si.
O saber é uma luz que existe no homem. A herança de tudo aquilo que nossos ancestrais vieram a conhecer e que se encontra latente em tudo o que nos transmitiram, assim como o baobá já existe em potencial em sua semente***

tierno bokar

ordem sufi tijaniyya (mali) citado por
hampate bá, a tradição viva, 1981



*serra da cuesta
quarentena de maio de 2021*